

As figueiras como arvores das encruzilhadas arqueológicas do Passo dos Negros - Pelotas – RS

Simone Fernandes Mathias¹

Patrícia Fernandes Mathias Morales²

Cláudio Baptista Carle³

Resumo

Neste artigo apresenta-se reflexões sobre o Passo dos Negros, território indígena e afrocentrado onde se deu o início da cidade de Pelotas - RS. Neste espaço há figueiras centenárias que convivem com humanos e não humanos. Buscamos uma perspectiva exunêutica interligada com as encruzilhadas do imaginário arqueológico e antropológico. Compreendendo-as como importantes para a sustentação de uma teoria social insurgente, onde as interpretações e maneiras se consolidam atributos no fazer ciência pelas imagens. Entre o passado e o presente a uma (re) ligação com as águas ancestrais que rodeiam esse espaço, nessa cidade negra e feminina abençoada pelas mães das águas e protegida por Exu (Laroyê!) senhor dos caminhos e dos destinos.

Palavras-Chave: Passo dos Negros; Figueiras; Pelotas; Encruzilhadas; Afrocentrada.

1. Introdução

Apresentação

Saudamos quem nos permite escrever – Laroyê Exu!

A escrita é afrocentrada (BISPO, 2015) e antropófaga no devorar e expor o melhor do colonizador (ANDRADE, 1928). Combatendo o “paradigma arrogante europeu” (XAVIER, 2017, p. 4) e ao “Pacto Narcísico Branco” (BENTO, 2002) apresentamos as árvores, figueiras, como entes não humanos que povoam o Passo dos Negros, convivendo com os humanos que lá se encontravam e se encontram. A figueira (árvore) conversa com a terra, com o ar, com o fogo e com as águas. Nossa escrita é envolvida com as imagens, inserida nas perspectivas mais próxima aos nativos (indígenas) e aos afro-sequestrados, da nova pequena África (MEDEIROS, 2022). A escrita mostra o território cujo nome leva seu legado, Passo dos Negros. Nesse sentido não há dicotomia entre passado e presente, pois o ancestral está aqui e é o sentido de todos existirem.

¹ Mestra em Antropologia Social e Cultural; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; simonefernandezpel@gmail.com

² Mestra em Antropologia Social e Cultural; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; patriciamoralespel@gmail.com

³ 3 Prof. Dr. em História; coordenador curso de Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; cbarle@gmail.com

As imagens fundantes do lugar são força visível no ambiente, como o banhado, o canal, os arroios, as árvores, os povos (humanos), as pontes, as casas e outras formas materiais que constituem a continuidade de pensamentos culturais que marcam a investigação arqueológica expressa neste texto. A arqueologia do imaginário dá base para este texto percebe na encruzilhada a saída e na exunêutica (“Laroye Exu!”) a solução para responder aos processos de opressão vindos das bacias semânticas eurocentradas que pretendem extinguir o Passo dos

Negros. O Imaginário é o “conjunto de imagens e de relações de imagens” que constituem o capital pensado dos humanos que “aparece como o grande denominador fundamental” que servem as culturas para “arrumar todos os procedimentos do espírito humano” (PITTA, 1995, p. 2). “Exunêuticas” (SILVEIRA, 2012[2020]), são “as interpretações” e consolidam atributos no fazer ciência pelas imagens.

O conhecimento imaginante é ciência, pois todos os humanos pensam por imagens (devorado de DURAND, 1996). “Yangí, Exu Ancestral”, nos diz Rufino (2019, p. 23), Exu cuja força é motriz que atua “para além do desvio”. “Exu nasceu antes que a própria mãe” (parte de um oriki, narrativa mítica de Exu). “Exu precede toda e qualquer criação” (RUFINO, 2019, p. 23). O lugar foi criado e o Exu é que permitiu. Exu “participa e integra tudo o que é criado” e “está implicado em tudo”, é sendo “princípio dinâmico que cruza todos os acontecimentos e coisas”. Cruzar é premissa, ato onde “todos os seres e forças cósmicas” percebem em Exu o “princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrés”. A leitura do que são as figueiras no “Passo”, parte do caminho (Exu é o Senhor dos Caminhos), e “dos Negros” a entidade Exu é negra. “Exu é a substância que fundamenta as existências” (RUFINO, 2019, p. 23), fundamentar é dar sentido, dar “linguagem como um todo” (Exu é a linguagem é a comunicação). A imagem (devorada de DURAND, 2012, p. 132) na existência desse lugar é o “pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades, uma esfera incontrolável, inapreensível e inacabada”. O Exu é “o acontecimento” (RUFINO, 2019, p.23-24) e a investigação do “acontecimento” e a leitura na exunêutica no sentido das encruzilhadas.

A encruzilhada é o Passo, permite a todos se envolverem, terra, água, plantas, animais, humanos, encantados e outros não humanos. A passagem, o fluir pela terra mostra os entes da terra, as plantas, as árvores (as figueiras). Nas águas todos se encontram. A encruzilhada “dos Negros” é “acontecimento”. O Passo dos Negros são muitas encruzilhadas. A encruzilhada das águas (BACHELARD, 1997, p. 22) é a “imaginação material” e materialidade que pode sumir pela falta de capacidade de entendimento dos autores da “ciência do progresso”

eurocentrada. O aterramento constante das águas do lugar do Passodos Negros, por ruas, edifícios, casas de proprietários de grande poder econômico, no asfaltar e no edificar sobre as águas, vem marcando o Passo colocando terra sem sentido sobre ás águas, sobre as plantas e sufocando as figueiras.

O sistema simbólico (devorado de DURAND, 1993) tenciona contra a iconoclastia, a falta de imagens, dos urbanistas “cegos” pelo progresso. O Passo dos Negros são plantas, são figueiras, é água, antes de haverem os humanos e entre eles os negros. O Passo é formado pelo movimento das águas marinhas, que iam e vinham entre 15 mil anos e 2,5 mil anos atrás. Criaram cordões de dunas. Sobre as dunas os ameríndios criaram suas “pirâmides”, os cerritos.

Sobre as dunas os europeus e os africanos andaram com os animais em rebanhos e para passar o Canal de São Gonçalo. Receberam a ajuda dos nativos, que mostraram uma área de passagem, um passo, o Passo das Pelotas, o Passo dos Negros, o Passo Rico...

A encruzilhada da água e da terra, em Exu (yorubano) ou Aluvaiá (banto), institui a capacidade de comunicação, de tradução, de interpretação, como Hermes (europeu) na hermenêutica. O lugar perpetua sua imagem fundante, o caminho, a própria divindade, pois o Exu é o caminho. A fantasia imatura de um discurso científico arqueológico que se refere ao passado como algo estanque que ficou para trás, parado no espaço e no tempo, é abolida aqui. A “diacronia arqueológica” colonialista do antes e do depois, da linearidade não será usada aqui. A exunêutica mostra a materialidade para a arqueologia, como meio entre o tempo e o espaço, nos fluxos seguidos no lugar. As encruzilhadas na arqueologia do imaginário do Passo dos Negros é a linguagem do lugar. A linguagem é inchada pelas águas e pelas terras, forma o Passo dos Negros. Nas terras estão os vegetais e entre eles as árvores, e entre elas as figueiras.

Figueiras entidades fixantes de imagens ancestrais indígenas, pois demarcam ainda hoje um antigo assentamento e pirâmide pequena dos nativos construtores de cerritos que datam de 3 mil anos, na atual esquina entre a ponte que liga as Avenidas Cidade do Rio Grande e Avenida São Francisco de Paula (conhecida como corredor das tropas). Ali estão duas figueiras marcantes. A Figueira antiga bem copada, onde em suas bases estão os axés dos ebós assentados pelos seguidores da cosmogonia africana, na atualidade, depositados sobre a cultura material dos ameríndios, que no contato mostraram seus barcos em forma de bola (pelotas na língua do invasor espanhol, dando o nome ao Passo das Pelotas – Passo dos Negros – Passo Rico) identificados em lascas e cerâmicas que datam de períodos anteriores à invasão européia.

A Figueira antiga da Ponte dos Dois Arcos, diretamente criada sobre o corredor das tropas, marca indissolúvel do Passo das tropas que foi Passo Rico de Pelotas. “As encruzilhadas” (Laroyê Exu!) nessas figueiras se encontram, carrega no seu cerne da exunêutica (CARLE, 2018, OLIVA, 2017), a interpretação (diriam hermenêutica os europeus) das imagens de aberturas ao saber local, saber não colonizado e contra colonial. A “formação do lugar” na origem, anterior a presença humana, constitui o “espírito do lugar” – que se fez conhecer como Passo, que é passagem. Os encantados (figuras conhecidas como “divindades”) fizeram o lugar, antes dos humanos, esses são ancestrais dos ameríndios, africanos e europeus. As imagens atuais mostram isso marcam nossas mentes, corroídas pela colonização de nossos saberes eurocêntricos. As figueiras são nossas interlocutoras com esse tempo, mediando nossos saberes com aqueles tempos. Mostram as imagens sobre o lugar. As imagens que mantêm o lugar devem ser o foco do leitor desse texto, como do leitor do espaço.

O eterno retorno, em um tempo em espiral é o que trato, como o sagrado caracol africano que vive nas margens dos canais que conformam o espaço. A divindade “Cronos”, não detém o passado e nem o futuro, não é linear. Exu marca o lugar. As divindades ameríndias marcam o lugar. O saber é circular no Passo dos Negros. As simbólicas formam o lugar e as figueiras nos contam sobre isso.

A investigação dos sistemas simbólicos (que devoramos em DURAND, 1996) envolve o tempo da ocupação humana do Passo dos Negros, uma longa duração de bacias semânticas de universos culturais distintos, de populações indígenas, afrocentradas e populares, envolvem o lugar. A circularidade de saberes rerepresentada é mantida nas figueiras. O devorado imaginário durandiano (2004), da bacia semântica histórica, expressa “entre os eventos instantâneos e os ‘tempos muito longos’” (DURAND, 2004, p. 100), distribuí os períodos “quanto aos estilos, as modas e os meios de expressão”. A “bacia semântica” é o conjunto de movimentos sistêmicos que conduz o imaginário dos “escoamentos abundantes”, num “percurso cíclico”, de “metáforas” percebidas nos “mitos condutores”. O “imaginário social, mitológico, religioso, ético e artístico sempre tem um pai, mãe e filhos...” (devorado de DURAND, 2004, p. 104).

As figueiras possuem em sob suas bases, sobre suas raízes, esses mitos e ritos expressos por inúmeros fragmentos de cerâmicas antigas e recentes, que marcam esse percurso cíclico, do eterno retorno, que configura o lugar. É visível para qualquer um é só olhar as bases das figueiras. Convido a todos fazerem isso. Lá está a prova irrefutável das diversas entidades que precederam a ocupação e que mantêm o sentido do lugar.

Na figueira da Av. Cidade de Rio Grande há vestígios que podem ser datados de 3 mil anos e sobrepostos há vestígios recentes de dias de ebós (oferendas aos encantados, aos Orixás e aos que fazem parte das falanges diversas dos ancestrais), ligando os ancestrais ameríndios aos ancestrais africanos que precedem a chegada dos invasores numa perpetuação física dos saberes populares que marcam a população humana do lugar na sua relação com os não humanos.

Na figueira da ponte dos Dois Arcos, há uma permanência dos europeus que nominaram o lugar, como Passo das Pelotas, como Passo dos Negros, como Passo Rico, mas há vestígios das ancestralidades afrocosmogônicas em fragmentos de cerâmicas do ebós. Há vestígios de velas e restos alimentares ofertados aos encantados. As águas, plantas e terras e seus fluidos, suas nuances, seus retornos, nesse todo que é o Passo dos Negros, alimentam as figueiras, pois estão inseridas nas figueiras. A figueira da Av. Cidade de Rio Grande está depositada sobre um antigo “cerrito”, uma “pirâmide”, uma elevação ritual que servia aos ritos e enterramentos, era pequena em altura e construída pelos ameríndios, que viviam nas áreas alagadas, como ainda é o lugar.

Em 1941 (da era cristã) [devorado de HANSMANN, 2013] aconteceu uma grande enchente que colocou os espaços urbanizados de então, até a própria “pirâmide”, sob as águas do canal do São Gonçalo e de outros arroios que o servem. A partir de 1942 deram início a construção de um dique, que hoje é a Estrada do Engenho, para conter as águas do canal, e a figueira perde sua relação direta com o canal, ficando hoje beira deste, que cortou parte significativa do antigo cerrito que a permitira existir. Mas a figueira não esquece isso e guarda as marcas desse tempo na sua forma baixa e atarracada.

O lugar é assentamento, está tomado pelas encantarias e assenta as comunidades remanescentes destas entidades humanas e não humanas, que sustentam o espaço. A frondosa árvore na encruzilhada, a figueira da Av. Cidade de Rio Grande, simboliza o contexto “dos Negros” nesse Passo (CARVALHO, 2017), abre quatro caminhos (ruas) hoje, há outros antigos a serem descobertos, é referência ao canal do São Gonçalo ligação expressa entre o aqui e o passado ancestral nas sete aberturas dessa encruzilhada (Laroyê Exú!).

A Estrada do Engenho, referência ao Engenho Coronel Pedro Osório que fica algumas dezenas de metros a sudeste desta árvore, se liga a árvore pela ponte de concreto da Avenida São Francisco de Paula, o corredor das tropas. Para oeste dessa árvore está a sede antiga de Charqueada de José Inácio Xavier, onde há outras figueiras (que nunca podemos visitar) a beira do solar de muitas janelas, pouco valorizado pelo patrimônio nostálgico do pelotense.

A figueira é também parte na Av. Cidade do Rio Grande, assentada sobre a elevação, a beira das duas avenidas e pela velha estrada das tropas, apresenta a alguns metros o templo de cosmogonia africana “Ogun Beira Mar e Caboclo Tupy”. Nome marca a presença ameríndia e africana. Ogun forjador das armas dos encantados ligado ao “caboclo” indígena, espírito das matas, marcador de passagem o “Caboclo Tupy” (GRAMINHA; BAIRRÃO, 2009).

Saindo dessa árvore seguimos por uma rua de terra, para leste, até chegar numa velha ponte de madeira arruinada, ponte sobre um dos canais da área, essa ponte marca o corredor das tropas. Segundo pela rua no caminho das tropas, para norte chegamos até a ponte velha de tijolos, a Ponte dos Dois Arcos. Construída para a passagem das tropas que vinham do passo no Canal de São Gonçalo. Na sua cabeceira a sul a outra figueira marcante na área. Assentada sobre os Arcos (ponte), chamados de “bueiro” pelos moradores do lugar, ao escoar as águas que descem da cidade para a região.

A figueira liga os grupos humanos evocantes do lugar: os cerriteiros, os Guarani, os africanos e descendentes, os europeus tropeiros, os charqueadores, os moradores atuais ligada a esses vários grupos, os populares do Passo dos Negros. A figueira liga os ancestrais desses e suas divindades. As encruzilhadas visíveis nos promontórios onde se assentam as figueiras cruzam e entrecruzam narrativas humanas, na arqueologia do antigo Passo de humanos e animais no lugar chamado “Passo dos Negros”.

Os cerritos, que devoramos de Cadaval (2013) não tiveram suas narrativas míticas transcritas, mas as cerâmicas, ali depositadas nos pé da figueira da encruzilhada da Avenida Cidade do Rio Grande, mostram a interlocução entre tempos e espaços ligando diretamente os afro-sequestrados aos ameríndios cerriteiros, possivelmente os Charruas (que devoramos de FIGUEIRA, 1892; MILHEIRA et. al 2016; GARCIA & MILDRE, 2012; GARCIA, 2008; MILHEIRA, ATTORRE E BORGES, 2019; CARLE, CARLE e CARLE, 2002 e outros).

Na cronologia ocidental depois vieram os Guarani, que estavam em contato com o cerriteiros e com os europeus (NIMUENDAJU UNKEL, 1987; MILHEIRA, 2008). Os Guaranis estruturam a alegoria sobre os cerriteiros e mostraram os caminhos para os europeus, atravessando o canal e subindo para as grandes dunas e destas para as morrarias da conhecida Serra dos Tapes (Tape em Guarani quer dizer caminho).

A alegoria (que devoramos de DURAND, 2012) é reconhecida nessas figueiras que se tornam a encruzilhada entre esses grupos na área do Passo e em toda região de Pelotas, a sua existência é explicada pelo mito. Há uma encruzilhada entre a água e a fenda, no limite da terra, a água, com a laguna (Lagoa dos Patos), o canal e os banhados. Os limites, as encruzilhadas da terra, nas Figueiras, nos lugares onde os humanos andam com embarcações

em forma de bolas, ligando cerriteiros, Guarani, africanos, afroamericanos e europeus. A invasão européia traz a “deusa Afrodite” (SIMPLÍCIO, 2015, p. 3) consolida a imagem da água, simbólica de sexo, vida e regeneração, na deusa da beleza, é “nascimento” que “provém da água”. A deusa concebe a beleza feminina, em Pelotas, na Praça central frente a prefeitura, no centro da mesma, há uma fonte chamada Fonte das Nereidas, as nereidas eram veneradas como ninfas do mar que ajudavam marinheiros em perigo e sua beleza dominam os corações masculinos (TORINO, 2015), as Náiades (BRANDÃO, 2000).

O tempo, no entanto, transforme esses europeus em iconoclastas e cortam sua força ancestral que permitiu a invasão que deu nome ao lugar de Passo dos Negros. A ciência moderna não admite as imagens míticas. Isso cega ao euro-descendentes aos seus lugares e suas imagens. O olhar eterno para um futuro que abandona o passado e os ancestrais é chamado de Progresso. O invasor trouxe consigo os sequestrados africanos, arrastados para a região, na produção baseada nos grandes animais das pastagens mais a sul. O nome passo surge com os animais muares, cavalares, bovinos e outras tropas.

Novas narrativas aparecem como de Mãe Ondina de Xangô (contada por Marília KOSBY, 2021) que diz de uma mulher africana escravizada “desejava muito engravidar e não conseguia”, promete a Oxum quindins (doce de ovos de cor amarela) para obter a graça, ao conseguir “o quindim” vira o “doce da mãe Oxum” (RIBEIRO, 2018, p 145).

Oxum é senhora de água doce venerada como sua irmã Yemonjá (GRAMINHA e BAIRRÃO, 2009) a grande Kalunga entre os Bantu. Apresentações de mães “d’água”, “imago materna”, atraem no “canto da sereia”, no feitiço de Yara (Guarani) e de Yemanjá e Oxum (Yorubá). Mães criadoras na Umbanda miscigenada com a bacia semântica europeia o “simbolismo” ligado “à vida, à fertilidade e, principalmente, à maternidade” (GRAMINHA e BAIRRÃO, 2009, p. 124), pois no “Antigo Testamento” Deus “criou tudo menos a água”, é por ser a água “deusa”, mas seu “princípio feminino é reduzido” (GRAMINHA e BAIRRÃO, 2009, p. 124).

Na Umbanda e no Batuque, em Pelotas conhecido como Nação, os espaços de veneração da água, curativa e criadora, deusa potente (COUTINHO, 2018) apoia a população escravizada. A “faceira e jovial Oxum” é “fértil como os grandes rios de água doce” (KOSBY, 2021, p. 67). Navegante e o bairro onde está localizado o Passo dos Negros, na atualidade.

Na comunidade há pescadores identificados com “antiga Festa de Navegantes, relacionando com o contexto histórico do surgimento da Diocese de Pelotas (1911) e da Paróquia do Porto (1912)” (FARINHA, 2012, p. 15), o Porto de Pelotas é muito próximo do

Passo. Nossa Senhora dos Navegantes (FARINHA, 2018) é uma figura feminina como as anteriores citadas, cuja simbólica na “festa-procissão” apresenta a “manifestação sociocultural religiosa de longa duração”, cuja ação é fruto da “circulação de bens e de dádivas baseados na reciprocidade” dos devotos da “Virgem Maria” e outros (FARINHA, 2018, p. 238), trocas como nos mercados, simbolismo da encruzilhada de Exu (Laroyê Exu!), na festa procissão que é caminhada e navegada, o que é próprio da comunidade do Passo dos Negros e Navegantes, no passado e presente.

A encruzilhada das figueiras mostra e apresenta a paisagem como identidade. As Figueiras das encruzilhadas formam e conformam o lugar, sustentam o espírito do lugar. Na diacronia arqueológica, nas imagens materiais e imateriais das figueiras do Passo dos Negros, em Pelotas, dá sentido ao lugar para os populares que ali habitam. O sentido carregado de várias sucessivas e complementares constelações de imagens, criadoras do lugar, de grupos não humanos antigos, de ameríndios variados, de africanos e descendentes, de europeus, apresentam o lugar como identidade.

Na exunêutica (interpretação) observamos o imaginário português, que foi “assombrado” pela “árdua e longa navegação” (devorada de DURAND, 1996, p. 200). Assombro dos “desembarques e aos reencontros inesperados”, que cria o “imaginário novo do Brasil” enterrado na “gigantesca terra (80 vezes a superfície de Portugal)”, mostra a “feminilidade”, a “constelação imaginária” da “fecundidade agrícola, a fecundidade fluvial”. Durand (1996, p. 200) lembra o “mestre Roger Bastide” no poder da feminilidade brasileira. A “mulher indígena, e depois escrava negra, foi o cadinho onde se gerou a raça do homo novus bresilensis” (DURAND, 1996, p. 200).

“No princípio Deus criou o céu e a terra ... a terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o Oceano e um vento impetuoso soprava sobre as águas” (GARMUS, Bíblia Sagrada, 2002, Gênesis 1). Olhem a não criação de “Deus” - a água. Indico que “a água é como uma pele, que ninguém pode ferir” que devorei de Bachelard (1997). A água e as figueiras, femininas, se irmanam na existência dos povos do Passo dos Negros.

A encruzilhada (“Laroyê Exu!”) do “Senhor da Comunicação” promove o conhecer, a exunêutica encruzilhada, constitui o “ongira camatuê” (caminho do conhecimento) no aparecer das redundâncias na Arqueologia das imagens do lugar.

O “movimento pela descolonização da prática arqueológica” no Passo de indígenas, africanos e descendentes, e mesmo nas tradições europeias, força da “interpretação e construção do conhecimento” arqueológico diverso na “perspectiva intercultural” (SILVA, 2011, p. 266). A materialidade “que faz o entrelaçamento entre as diferentes temporalidades

desta paisagem e as narrativas sobre o passado” (SILVA e GARCIA, 2015, p. 96) na escuta das árvores, das águas, nas constelações de imagens, contam histórias, encantam materialidades, no “descentramento do poder sobre as construções do passado”, onde a “arqueologia mostre o seu papel na transformação da realidade” (BEZERRA, 2008, p 151).

O significado das figueiras traz tantas imagens de identidades que marcam o encantamento do Passo dos Negros. O que se percebe é que essas figueiras são entes encantados, pois o “mito” organiza as “imagens universais (arquetípicas) em constelações, em narrações, sob a ação transformadora da situação social” (PITTA, 1995, p. 3), explicita a “unidade entre o indivíduo, a espécie e o cosmos”, sistema simbólico explicita o “inconsciente coletivo”, a “estrutura”, que se “expressam em imagens simbólicas coletivas, o símbolo sendo a explicitação da estrutura do arquétipo” (PITTA, 1995, p. 3).

A figueira na exunêutica é profunda, é força de imagem, vocalidade das constelações de imagens, tipifica os sentidos dos atores humanos e suas culturas, no passado e no presente, criam contextos arqueológicos. Os contextos são sistemas simbólicos dos trajetos antropológicos dos grupos indígenas, africanos e europeus. A longa duração das culturas, suas imagens se efetivam nas figueiras do Passo dando sentidos fenomenológicos do caminho da sabedoria no círculo do imaginário euro-afro- indígena materializado no vínculo entre terra e água (CARLE, 2018, p. 07).

O lugar encantado da figueira, como um espaço ritualístico por excelência, a convergência simbólica (devorada de DURAND, 2012), emblemática dos imaginários configuradores da região do Passo dos Negros, antigo caminho das tropas e lugar de nascimento do nome da atual da cidade, a passagem das pelotas (barcos bolas), a figueira sobre o promontório do cerrito, tradição imbricada aos descendentes dos seus construtores nos limites da água.

Nominado o lugar e seus espaços ritualísticos no terreiro “Ogun Beira Mar e Caboclo Tupy” que apresenta as regras da interpretação (SILVA, 2006; SILVA, 2012). As figueiras são o símbolo da continuidade da existência do Passo em todas as suas fases, antes dos humanos, com os ameríndios, com os europeus e como os negros, todos eles em celebração com as figueiras que sempre estiveram ali.

Referências:

ANDRADE, Oswald de. **O Manifesto Antropófago**. Revista de Antropofagia, v.1, n.1, p.3-7, 1928.

ARAÚJO, Alberto F.; ARAÚJO, Joaquim M.; RIBEIRO, José A. **Ritual Iniciático e formação do humano nas aventuras de Pinóquio**. In: ARAÚJO, Alberto F. *As lições de Pinóquio, eu estou farto de ser sempre um boneco!* Curitiba: CRV, 2012.

ASSIS JR., A. de. **Dicionário Kimbundo-Português: linguístico, botânico, histórico e corográfico, seguido de um índice alfabético dos nomes próprios**. Luanda: Argente e Santos Cia Ltda., s.d.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 169 p. Tese (Doutorado em Psicologia)–Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BEZERRA, Márcia. **Bicho de Nove Cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil**. Revista de Arqueologia, v.21, n.2, p.139-154, 2008.

BISPO dos Santos, Antônio (Nego Bispo). **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Editora INCTI, 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CADAVAL, Débora da Costa. **Bernardino García e descendentes Charrua no Uruguai contemporâneo: uma etnografia sobre configurações de memória e identidades ameríndias em Tacuarembó**. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

CARLE, Ana C. B.; CARLE, Cláudio B.; CARLE, Mirian B. **Relatório descritivo de dois esqueletos de indivíduos encontrados em trabalho arqueológico no Capão Seco, Rio Grande-RS, pelo pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro**. O Esqueleto Humano na Interface da Antropologia Biológica e da Arqueologia – Profa Eugenia Cunha. Porto Alegre: PPGH – Curso de Arqueologia – PUCRS, 2002.

CARLE, Cláudio B. **“A água é como uma pele, que ninguém pode ferir”**: estudo sobre os povos das águas na região de Pelotas – RS. Projeto de pós-doutorado, PPGANT, DAA, ICH, UFPEL, apresentado ao PPGH-UFRGS, Porto Alegre, outubro de 2018.

CARVALHO, Patrícia Marinho de. **A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em áreas de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT (e a interface com a religiosidade afro-brasileira)**. Revista de Arqueologia, v.26, n.2, p.287-290, 2013.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica: introdução a uma filosofia da cultura**. 5ª ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COUTINHO, Ledeci Lessa. **Objeto de identidade na constituição da comunidade negra do bairro Areal Fundos**. In: RIBEIRO, Loredana; MILHEIRA, Rafael (Org.). **Almanaque do Pluricentenário de Pelotas: textos sobre patrimônio, arqueologia, identidade e outros temas**. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT), UFPEL, 2018. p.169-175.

- CRÉPEAU, Robert R. **Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil meridional**. Horizontes Antropológicos, ano 3, n.6, p.173-186, out. 1997.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- DURAND, Gilbert. **Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica**. Revista da Faculdade de Educação, D(1/2), p.243-273, 1985.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. 768ª ed. Lisboa: Minerva, 1979.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FARINHA, Alessandra Buriol. **Memória e história da Mui Heroica Villa de São José do Norte: a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes**. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- FARINHA, Alessandra Buriol. **Senhora das Águas: memórias da antiga Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas – RS**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- FIGUEIRA, José H. **Los primitivos habitantes del Uruguay: ensayo paleoetnológico**. Montevideo: Imprenta Artística de Dornaleche e Reyes, 1892.
- GARCIA, Anderson Marques; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. **Particularidades históricas e culturais dos Charruas e dos Minuanos do Pampa Sul-americano**. Estudios Históricos – CDHRPyB, Año IV, n.8, Uruguay, julho de 2012.
- GARCIA, Elisa Frühauf. **Quando os índios escolhem os seus aliados: as relações de "amizade" entre os minuanos e os lusitanos no sul da América portuguesa (c.1750-1800)**. Varia Historia, v.24, n.40, 2008.
- GARMUS, Ludovico (Coord.). **Bíblia Sagrada**. 46ª ed. Brasília: CNBB; Petrópolis: Vozes, 2002.
- GNECCO, Cristóbal. **Da arqueologia do passado à arqueologia do futuro**. Amazônica, v.2, n.1, p.92-103, 2010.
- GRAMINHA, M. R.; BAIRRÃO, J. F. M. H. **Torrentes de sentidos: o simbolismo das águas no contexto umbandista**. Memorandum, n.17, p.122-148, 2009.
- HANSMANN, Henrique Zanotta. **Descrição e caracterização das principais enchentes e alagamento de Pelotas-RS**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- HENTGES, Angelita. **Imaginários da cultura brasileira: a educação e a ancestralidade nas rodas de Capoeira Angola**. In: BARROS, Ana Taís Martins Portanova (Org.). **Anais II Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire**. Porto Alegre: Imaginalis, 2015.

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Fim de um projeto, início de uma nova relação com a cidade**. In: JACKS, Nilda (Org.). **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

KOSBY, Marília Floôr. **“Nós cultuamos todas as doçuras”**: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

LACAZ, Carlos R. M. **O universo mítico e a realidade psicológica—considerações sobre sonhos Kamayurá**. In: BYNGTON, Carlos A. B. **Moitara I: o simbolismo das culturas indígenas brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, n.15, p.74-82, ago. 2001.

MEDEIROS, Marielda Barcellos. **Pelotas pequena África: territorialidade negra a partir das festas Black**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia)—Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

MILHEIRA, Rafael Guedes; ATTORRE, Tiago; BORGES, Caroline. **Construtores de cerritos na Laguna dos Patos, Pontal da Barra, sul do Brasil: lugar persistente, território e ambiente construído no Holoceno recente**. Latin American Antiquity, v.30, n.1, p.35-54, mar. 2019.

MILHEIRA, Rafael Guedes et al. **Arqueologia dos Cerritos na Laguna dos Patos, Sul do Brasil: uma síntese da ocupação regional**. Cadernos do CEOM, v.29, n.45, p.33-63, dez. 2016.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste - RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)—Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEUMANN, Mariana Araújo. **Por uma Arqueologia Simétrica**. Cadernos do LEPAARQ, v.V, n.9/10, p.83-95, ago./dez. 2008.

NIMUENDAJÚ Unkel, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Em busca de um diálogo afrocentrado acerca das cosmologias africanas**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v.14, n.1, p.1-17, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2006.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Imaginário: derivações de métodos no Brasil**. Têssera, v.1, n.1, p.154-172, jul./dez. 2018.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Recife: UFPE, 1995.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **O impacto sociocultural sobre o regime das imagens**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.32, n.4, p.77-95, mar. 1980.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992.

RIBEIRO, Loredana Ricardo. **Fragmentos de história entre jardins e jornais**. In: RIBEIRO, Loredana; MILHEIRA, Rafael (Org.). **Almanaque do Pluricentenário de**

Pelotas: textos sobre patrimônio, arqueologia, identidade e outros temas. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT), UFPEL, 2018. p.129-148.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória.** In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Org.). **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana.** Porto Alegre: Mercado Livre, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais.** Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, n.34, p.107-126, abr. 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Armando Malheiro da; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Para uma mitanálise da fundação sagrada do reino de Portugal em Ourique.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/8364>. Acesso em: agosto de 2017.

SILVA, Fabíola Andréa; GARCIA, Lorena L. W. G. **Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na Terra Indígena Kuatinemu, Pará.** Amazônica, v.7, n.1, p.74-99, 2015.

SILVA, Fabíola Andréa. **Arqueologia como tradução do passado no presente.** Amazônica, v.3, n.2, p.260-267, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito.** 2003. Disponível em: <http://leandromarshall.files.wordpress.com/2008/01/tecnologias-do-imaginario1.pdf>. Acesso em: abril de 2012.

SILVEIRA, Hendrix. **Exunêutica: construindo paradigmas para uma interpretação afro-religiosa.** Faculdades EST, 2012. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63388248/exuneutica_-_Hendrix_Silveira.pdf. Acesso em: março de 2020.

SIMPLÍCIO, Cássia Cristina G. **O arquétipo água: elemento de excelência na obra de Dora Ferreira da Silva.** Anais II Colóquio Internacional Vicente e Dora Ferreira da Silva - III Seminário de Poesia – Poesia, Filosofia e Imaginário. Uberlândia: POEIMA, 2015.

TORINO, Isabel Halfen da Costa. **Mercúrio na torre do mercado: percurso e significado de um símbolo grego na memória e no patrimônio cultural de Pelotas, RS.** 2015. Dissertação (Mestrado em Memória, Identidade e Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

XAVIER, José Valterdinan Mesquita. **A relação afrocentrismo x afrocentricidade: uma breve consideração.** Filosofia Africana Brasil, n.1, nov. 2017.

Higueras como árboles en el cruce arqueológico de Passo dos Negros - Pelotas – RS

Resumen

Este artículo presenta reflexiones sobre Passo dos Negros, territorio indígena y afrocéntrico donde comenzó la ciudad de Pelotas - RS. En este espacio hay higueras centenarias que conviven con humanos y no humanos. Buscamos una perspectiva exunéutica interconectada con el cruce de la imaginación arqueológica y antropológica. Entendiéndolos como importantes para sustentar una teoría social insurgente, donde interpretaciones y modos consolidan atributos en el hacer ciencia a través de imágenes. Entre el pasado y el presente, una (re)conexión con las aguas ancestrales que rodean este espacio, en esta ciudad negra y femenina bendecida por las madres de las aguas y protegida por Exu (¡Laroyê!), señor de caminos y destinos.

Palabras clave: Paso dos Negros; Higueras; Pellets; Cruce; afrocéntrico.

Les figiers comme arbres au carrefour archéologique de Passo dos Negros - Pelotas – RS

Résumé

Cet article présente des réflexions sur Passo dos Negros, un territoire indigène et afro-centré où est née la ville de Pelotas - RS. Dans cet espace se trouvent des figiers centenaires qui cohabitent avec des humains et des non-humains. Nous recherchons une perspective exunéutic interconnectée au carrefour de l'imaginaire archéologique et anthropologique. Les comprendre comme étant importants pour soutenir une théorie sociale insurgée, où les interprétations et les méthodes consolident les attributs de la science à travers les images. Entre passé et présent, une (re)connexion avec les eaux ancestrales qui entourent cet espace, dans cette ville noire et féminine bénie par les mères des eaux et protégée par Exu (Laroyê!), seigneur des.

Mots-clés: Passo dos Negros ; Figiers; Granulés ; Carrefour; Afrocentrique.

Fig trees as trees at the archaeological crossroads of Passo dos Negros - Pelotas – RS

Abstract

This article presents reflections on Passo dos Negros, an indigenous and Afro-centered territory where the city of Pelotas - RS began. In this space there are centuries-old fig trees that coexist with humans and non-humans. We seek an exuneutic perspective interconnected with the crossroads of the archaeological and anthropological imagination. Understanding them as important for supporting an insurgent social theory, where interpretations and ways consolidate attributes in doing science through images. Between the past and the present, a (re)connection with the ancestral waters that surround this space, in this black and feminine city blessed by the mothers of the waters and protected by Exu (Laroyê!), lord of paths and destinations.

Keywords: Passo dos Negros; Fig trees; Pellets; Crossroads; Afrocentric.